

AYAAN HIRSI ALI

# Herege

*Por que o islã precisa de uma reforma imediata*

*Tradução*

Laura Teixeira Motta e  
Jussara Simões



Copyright do texto © 2015 by Ayaan Hirsi Ali

*Grafia atualizada segundo o Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa de 1990, que entrou em vigor no Brasil em 2009.*

*Título original*

Heretic: Why Islam Needs a Reformation Now

*Capa*

Claudia Espínola de Carvalho

*Foto de capa*

© Norman Jean Roy

*Preparação*

Mariana Delfini

*Revisão*

Carmen T. S. Costa

Huendel Viana

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)  
(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

---

Hirsi Ali, Ayaan

Herege : Por que o islã precisa de uma reforma imediata / Ayaan Hirsi Ali; tradução Laura Teixeira Motta e Jussara Simões.— 1ª ed.  
— São Paulo : Companhia das Letras, 2015.

Título original: Heretic : Why Islam Needs a Reformation Now

ISBN 978-85-359-2587-6

1. Despertar religioso — Islã 2. Globalização — Aspectos religiosos — Islã 3. Hirsi Ali, Ayaan, 1969 — Religião 4. Islã — Literatura controversa 5. Islã — Século 21 6. Islã e política mundial 7. Países islâmicos — Política e governo — Século 21 8. Renovação islâmica — Países islâmicos I. Título.

15-04182

CDD-297.272

Índice para catálogo sistemático:

1. Islamismo e política : Religião

297.272

[2015]

Todos os direitos desta edição reservados à

EDITORA SCHWARCZ S.A.

Rua Bandeira Paulista, 702, cj. 32

04532-002 — São Paulo — SP

Telefone: (11) 3707-3500

Fax: (11) 3707-3501

[www.companhiadasletras.com.br](http://www.companhiadasletras.com.br)

[www.blogdacompanhia.com.br](http://www.blogdacompanhia.com.br)

# Sumário

Introdução: Um islã, três grupos de muçulmanos .....	9
1. A história de uma herege: A jornada da minha saída do islã ..	37
2. Por que não houve uma reforma muçulmana? .....	60
3. Maomé e o Alcorão: Como a reverência incondicional ao Profeta e a seu livro impede a reforma .....	83
4. Os que amam a morte: O enfoque letal do islã em uma vida após a morte .....	112
5. Algemados pela sharia: Como o severo código religioso islâmico mantém os muçulmanos presos ao século VII .....	133
6. O controle social começa em casa: Como a injunção de ordenar o certo e proibir o errado mantém os muçulmanos na linha .....	157
7. Jihad: Por que a convocação para a guerra santa é uma licença para o terror .....	177
8. O crepúsculo da tolerância .....	210
Conclusão: A reforma muçulmana .....	224
<i>Apêndice: Reformadores e dissidentes muçulmanos .....</i>	<i>239</i>
<i>Notas .....</i>	<i>253</i>

# 1. A história de uma herege

## A jornada da minha saída do islã

Fui criada como muçulmana praticante e assim permaneci durante quase metade da vida. Estudei em madraçais e decorei grandes trechos do Alcorão. Quando criança, vivi em Meca por algum tempo e frequentei a Grande Mesquita. Na adolescência, entrei para a Irmandade Muçulmana. Em resumo: tenho idade suficiente para ter visto o islã se bifurcar, na segunda metade do século xx, entre a fé cotidiana dos meus pais e o jihadismo intolerante e belicoso pregado pelos que chamo de muçulmanos de Medina. Começarei pelo islã em que cresci.

Eu tinha uns três anos quando minha avó começou a me ensinar o pouco que havia memorizado do Alcorão, nós duas sentadas sob as folhas cheia de penugem do *talal*, uma árvore somali. Ela não sabia ler nem escrever — a alfabetização só começou a ser promovida na Somália em 1969, ano em que nasci — e desconhecia totalmente a língua árabe. Mas ela venerava o livro, pegava-o com muita reverência, beijava-o e o encostava na testa antes de devolvê-lo ao lugar com o maior carinho e atenção. Não podíamos tocar no Alcorão sem primeiro lavar as mãos. Com minha mãe era

a mesma coisa, só que ela conseguira memorizar um pouco mais e falava um árabe rudimentar. Aprendera de cor as preces e também sabia recitar imprecações temíveis, me ameaçando de queimar no inferno se eu fizesse coisa errada.

Minha mãe nasceu debaixo de uma árvore e cresceu no deserto, vagou bastante quando jovem e chegou até Aden, no Iêmen, do outro lado do mar Vermelho. Submeteu-se a um casamento arranjado e foi mandada para o Kuwait com o marido. Quando o pai dela morreu, ela se divorciou. Conheceu meu pai por intermédio de sua irmã mais velha quando ele ensinava a ler e escrever na capital somali. Minha mãe foi uma de suas melhores alunas, tinha um modo de se expressar ágil e sagaz. Meu pai já era casado, por isso minha mãe passou a ser sua segunda mulher. Meu pai era político, um líder da oposição que tentava mudar a Somália, então governada pelo ditador Siad Barre. Quando eu estava com dois anos, as autoridades vieram buscá-lo e o levaram para a velha prisão italiana, também conhecida como “o Buraco”. Assim, durante a maior parte da infância, fomos só minha mãe, meu irmão, minha irmã, minha avó e eu.

Minha primeira escola de verdade foi uma *dugsi* religiosa — um galpão onde a classe se abrigava do sol escaldante. Umhas trinta ou quarenta crianças sentavam-se sob um telhado sustentado por estacas, circundado por um arvoredo. Ocupávamos o único local com sombra. Na parte da frente e no centro havia uma mesa de uns trinta centímetros de altura onde ficava um exemplar grande do Alcorão. Nosso professor vestia o sarongue e a camisa tradicionais dos homens somalis e nos fazia recitar os versos, mais ou menos como os alunos americanos e europeus aprendem na pré-escola a recitar poemas breves e rimas infantis. Quando esquecíamos ou simplesmente não falávamos alto o suficiente, ou quando nossas vozes diminuían de volume, ele nos cutucava ou batia com uma vara.

Tornávamos a recitar se algum aluno se comportasse mal. Quem desobedecesse, quem não tivesse aprendido o que devia, era mandado para o centro do galpão. Se fosse transgressão das grandes, o aluno era içado numa rede bem alta e balançado. O resto de nós ficava embaixo, batendo com varinhas no desobediente pelos espaços abertos da rede enquanto recitávamos versos do Alcorão: palavras sobre o Dia do Juízo, quando o sol enegrece e o fogo do inferno queima.

Todo castigo, na escola ou em casa, parecia vir guarnecido com ameaças do inferno ou rogos de morte e destruição: que você sofra de tal ou tal doença e queime no inferno. Mas à noite, quando o sol mergulhava no horizonte e o ar fresco do fim do dia reinava sobre nós, minha mãe se virava na direção de Meca e fazia a prece noturna. Três, talvez quatro vezes, ela recitava as palavras, os versos iniciais do Alcorão e outros versos, mudando de posição: primeiro em pé com a mão por cima do útero, depois fazendo uma reverência, depois prostrada, sentada, novamente prostrada e por fim sentada outra vez. Havia todo um ritual de palavras e movimentos, e ele se repetia a cada noite.

Depois que ela orava, nos sentávamos com as mãos em concha sob o *talal* e implorávamos a Alá que libertasse meu pai da prisão. Eram súplicas para que Deus tornasse a vida mais fácil, pedidos a Alá para que fosse paciente conosco, nos desse ânimo, nos concedesse o perdão e a paz. “Eu me refugio em Alá”, ela recitava. “Alá, o Misericordiosíssimo, o Clementíssimo [...]. Ó meu Senhor, perdoa-me e tem misericórdia de mim, guia-me, concede-me a saúde, provê-me o sustento, eleva-me e põe em bom rumo os meus afazeres.” Essa prece tornou-se familiar e tranquilizadora como uma canção de ninar, o mais distante que se pode imaginar das varas estalantes e das palavras mordazes da *dugsi*.

As súplicas aparentemente surtiram efeito. Graças à ajuda de um parente, meu pai conseguiu escapar da prisão e fugir para a

Etiópia. O óbvio seria minha mãe nos levar para a Etiópia também. Mas ela não quis ir. Por ser predominantemente cristão, o país para ela não passava de um mar de infiéis, uma terra impura. Ela preferiu ir para a Arábia Saudita, o berço do islã, a sede dos lugares mais sagrados, Meca e Medina. Arranjou um passaporte falso, passagens de avião, e então, em uma manhã de abril, quando eu tinha oito anos, minha avó nos acordou antes de amanhecer, vestiu-nos com nossas melhores roupas e antes do fim do dia estávamos na Arábia Saudita.

Fomos morar em Meca, o coração espiritual do islã, o lugar para onde quase todo muçulmano sonha em fazer uma peregrinação uma vez na vida. Nós podíamos encenar a peregrinação toda semana, indo de ônibus do nosso apartamento até a Grande Mesquita. Eu, aos oito anos, já tinha feito a Umra, a pequena versão da peregrinação completa a Meca, o Hajj, quinto pilar da fé muçulmana, que lava os pecados do peregrino. E agora, sobretudo, podíamos estudar o islamismo como era ensinado nas escolas religiosas sauditas, e não em um galpão somali. Minha irmã, Haweya, e eu fomos matriculadas em uma escola corânica para meninas; meu irmão, Mahad, foi para uma madraçal de meninos. Antes me haviam ensinado que todos os muçulmanos eram unidos na irmandade, mas descobri ali que a irmandade dos muçulmanos não excluía o preconceito racial e cultural. O que tínhamos aprendido do Alcorão na Somália não era bom o bastante para os sauditas. Não sabíamos o suficiente; resmungávamos em vez de recitar. Não tínhamos aprendido a escrever nenhuma das passagens, apenas a memorizar cada verso, repetindo-o devagar, vezes sem conta. As meninas sauditas tinham pele clara e nos chamavam de *abid*, escravas. Os sauditas haviam abolido legalmente a escravidão apenas cinco anos antes de eu nascer. Agora, minha mãe nos fazia orar em casa cinco vezes por dia, executando todas as vezes os rituais de ablução e vestuário.

Foi lá que encontrei pela primeira vez a aplicação rigorosa da lei da sharia. Nas praças públicas, toda sexta-feira, depois das orações rituais, homens eram decapitados ou açoitados, mulheres eram apedrejadas e ladrões tinham as mãos decepadas, tudo em meio a jorros de sangue. O ritmo das orações recitadas dava lugar à reverberação de lâminas de metal cortando carne, ao baque de pedras atingindo corpos. Meu irmão — que, ao contrário de mim, tinha permissão para assistir àquelas punições — usava o apelido “Praça do Corta-Corta” para indicar a mais próxima de nós. Jamais questionávamos a ferocidade das punições. Para nós, era simplesmente mais fogo do inferno.

Mas a Grande Mesquita, com suas colunas altas, azulejos elaborados e pisos polidos, era mais sedutora. Ali, no frescor das sombras, minha mãe podia dar sete voltas ao redor da Caaba, a construção sagrada no centro da mesquita. A tranquilidade só era interrompida no mês do Hajj, a peregrinação ritual islâmica, quando não saíamos do apartamento com medo de ser atropelados pelas torrentes de fiéis nas ruas, e quando até a conversa mais simples tinha de ser gritada por causa da barulheira constante das orações.

Em Meca, pela primeira vez me dei conta das diferenças entre as visões do islã do meu pai e da minha mãe. Depois que meu pai veio da Etiópia para se juntar a nós, fez questão de que não rezássemos separados por sexo em diferentes cômodos do apartamento, como na tradição saudita, mas juntos, como uma família. Ele não nos ameaçava com o espectro do inferno, e uma vez por semana nos ensinava o Alcorão, que ele lia e tentava traduzir, infundindo-o com suas interpretações pessoais. Dizia a mim, meu irmão e minha irmã que Deus não nos tinha posto na Terra para nos castigar; Ele nos pusera na Terra para adorá-lo. Eu erguia os olhos e assentia, mas na manhã seguinte, se desobedecesse à minha mãe, ela retomava o fogo do inferno e o castigo eterno.



Depois de algum tempo nos mudamos para Riad, onde meu pai trabalhava como tradutor de código Morse para um ministério do governo. Nossa casa tinha um lado para os homens e outro para as mulheres, mas, ao contrário dos nossos vizinhos, nós cinco nos deslocávamos sem problemas pelas duas partes. Meu pai não se comportava como os homens sauditas. Não fazia as compras nem se encarregava de todas as transações fora de casa. Além disso, continuava a se ausentar: voltava à Etiópia, onde a oposição somali tinha sua sede. Os vizinhos lastimavam às claras que minha mãe tivesse de sair de casa sozinha. Por sua vez, minha mãe desprezava as meninas sauditas por ensinarem os rudimentos da dança do ventre para Haweya e para mim. Ela queria que vivêssemos unicamente de acordo com o “islã puro”, que para ela significava nada de canto, dança, riso e alegria.

Um ano e pouco depois, quando eu estava com nove anos, partimos tão depressa quanto havíamos chegado. Meu pai foi deportado pelo governo saudita. Eu não soube bem por quê, mas sem dúvida tinha alguma relação com suas atividades oposicionistas na Somália. Tivemos 24 horas para juntar as coisas e fugir — dessa vez para a Etiópia. Passamos ali um ano e meio, até que a antipatia de minha mãe pelo país exigiu outra mudança: para o Quênia.

Em Nairóbi, Haweya e eu fomos à escola. Não foi só inglês que aprendi lá. Logo descobri que desconhecia as coisas mais elementares, por exemplo, dizer a data e ver as horas. A Etiópia tinha um calendário sideral, a Arábia Saudita usava o calendário lunar islâmico, e na Somália minha avó marcava o tempo unicamente pelo sol, e seu ano tinha dez meses. Só aos dez anos, no Quênia, aprendi que estávamos em 1980. Para os sauditas, era o ano islâmico de 1400; para os etíopes, pelo modo como calculavam, ainda era 1978.

Minha mãe, apesar de tudo, permaneceu firme em sua fé: recusava-se a acreditar nas coisas que nos ensinavam na escola,

por exemplo, a viagem do homem à Lua e a evolução; os quenianos podiam ser descendentes de macacos, nós não. Para provar, ela nos fazia recitar nossa linhagem. Assim que completei catorze anos ela me matriculou na Escola Secundária para Meninas Muçulmanas, em Park Road, para que minha irmã e eu usássemos um uniforme mais recatado. Agora podíamos vestir calça por baixo da saia. Cobríamos a cabeça com lenço branco. Pelo menos essas coisas eram permitidas. Mas, na época, poucas meninas seguiam esse costume.

#### PROFESSO O ISLAMISMO DE MEDINA

Aos dezesseis anos, descobri um modo de ser uma muçulmana melhor. Uma nova professora veio lecionar educação religiosa. Irmã Aziza era uma muçulmana sunita da costa do Quênia que se convertera ao islamismo xiita depois de se casar. Vestia o hijab completo, que não deixava quase nada à mostra além do rosto. Usava até luvas e meias, para esconder os dedos.

Antes dela, o islamismo que nos ensinaram tinha sido história: datas, califados. Aziza não ensinava, pregava. Ou melhor, parecia raciocinar junto conosco, questionando, conduzindo. “O que torna vocês diferentes dos infiéis?” A resposta certa era a Shahada, a profissão de fé do muçulmano. “Quantas vezes por dia vocês devem rezar?” Sabíamos que a resposta era cinco. “Quantas vezes vocês rezaram ontem?” Nos entreolhávamos, nervosas.

Era um método de ensino muito mais sedutor do que qualquer vara, e para a irmã Aziza não importava o tempo que demorasse. Como ela gostava de dizer: “É assim que Alá e o Profeta querem que vocês se vistam. Mas vocês só devem fazer isso quando estiverem prontas”. E acrescentava: “Quando estiverem prontas, vocês escolherão, e então nunca mais irão tirar”.

Outra novidade: Aziza não lia o Alcorão em árabe, e sim em traduções inglesas; e, ao contrário dos meus outros professores — inclusive minha mãe —, ela dizia que não estava nos forçando. Estava simplesmente compartilhando conosco as palavras de Alá, o que Ele queria, o que Ele desejava. Obviamente, se escolhêssemos não satisfazer a Alá, queimaríamos no inferno. Mas se o agradássemos, iríamos para o paraíso.

Havia ali um elemento de escolha que era irresistível. Nossos pais, e certamente minha mãe, nunca ficavam satisfeitos, não importava o que fizéssemos. Nossa vida terrena não podia ser mudada. Dentro de alguns anos ou menos, nos veríamos arrancadas da escola e mandadas para casamentos arranjados. Não parecíamos ter escolha. Mas a nossa vida *espiritual* era outra questão. Essa vida podia ser transformada, e a irmã Aziza podia nos mostrar o caminho. E aí nós poderíamos mostrar o caminho a outros. É difícil superestimar o quanto essa mensagem nos dava a sensação de ter a capacidade de agir.

Demorei um pouco, mas quando aceitei o caminho da irmã Aziza, foi a sério. Passei a orar infalivelmente cinco vezes por dia. Fui a uma costureira e comprei uma capa grande e volumosa que se fechava bem justa nos punhos e descia ondulando até os tornozelos. Eu a usava por cima do uniforme escolar e enrolava um lenço preto sobre os cabelos e ombros. Vestia a capa de manhã para ir a pé para a escola, e tornava a vesti-la antes de sair de lá, na volta para casa. Andando assim toda coberta pelas ruas, eu tinha de me mover com muita atenção, pois era fácil tropeçar naquele tecido ondulado. O traje era quente e desajeitado. Naqueles momentos em que minha gigantesca figura negra se deslocava com lerdeza pela rua, minha mãe finalmente ficava satisfeita comigo. Mas eu não fazia aquilo por ela. Fazia por Alá.

A irmã Aziza não foi o único tipo novo de muçulmano que encontrei nessa época. Agora havia pregadores que iam de porta

em porta, como o automeado imame Boqol Sawm. Seu nome significava “o que jejua por cem dias”, e em pessoa ele fazia mais do que jus ao nome. De tão magro, o homem parecia uma pele esticada por cima de ossos. Enquanto a irmã Azia usava o hijab, Boqol Sawm trajava uma túnica saudita um tanto curta, que deixava à mostra seus tornozelos ossudos. Ele parecia não fazer nada além de andar por Old Racecourse Road, nosso bairro em Nairóbi, batendo às portas, fazendo sermão e deixando fitas cassette para as mulheres que o convidavam a entrar. Não havia vendedores de aspirador Electrolux que iam de casa em casa no nosso bairro, só Boqol Sawm e seus sermões. Às vezes ele entrava, desde que houvesse uma cortina para separá-lo das mulheres, que ouviam as fitas que ele deixava e as permutavam entre elas. Escutavam os sermões enquanto lavavam e cozinhavam. Pouco a pouco, foram deixando de usar roupas coloridas, se amortalharam no *jilbab*, uma capa comprida e folgada, e enrolaram a cabeça e o pescoço num lenço.

Enquanto Aziza recorria a métodos de doutrinação sutis, Boqol preferia as bordoadas verbais mais conhecidas, que eu já tinha ouvido na Somália. Bradava seus versos em árabe e somali e ressaltava o que era proibido e o que era permitido. Fazia isso com tanta estridência que acabou sendo barrado na mesquita local. Pregava que as mulheres tinham de estar disponíveis para os homens a qualquer momento, “até na sela de um camelo”, exceto nos dias do mês em que ficavam impuras. Pode não parecer uma mensagem muito atrativa para uma audiência feminina, mas para muitas mulheres ele era magnético. Para os filhos delas, então, ele foi decisivamente transformador.

Cada vez mais garotos adolescentes somalis na nossa comunidade de expatriados passavam a andar em protogangues, a abandonar os estudos, mascar qat, cometer pequenos crimes, assediar e até estuprar mulheres, saindo completamente do controle

das mães. Mas Boqol Sawm convidava todos nós a entrar para a Irmandade Muçulmana. De início era difícil ver como um pregador itinerante podia representar uma irmandade, mas não demorou para que outros se juntassem a ele nas ruas do nosso bairro. E então, com uma rapidez espantosa, uma nova mesquita foi construída e Boqol Sawm foi instalado ali como imame. Ele, que antes batia de porta em porta, tornou-se o líder local de um movimento.

A Irmandade Muçulmana parecia o islã em ação. Seus membros arrancavam adolescentes encrenqueiros das ruas, punham-nos em madraçais, ensinavam-nos a rezar cinco vezes por dia, mudavam as roupas deles; aliás, mudavam quase tudo neles. Vi uma transformação dessas no filho de um parente nosso. Refletindo hoje, percebo que muita gente aderiu à Irmandade logo de saída simplesmente porque ela trazia ordem. Fazia o que todos os demais pensavam que não podia ser feito: encontrava um caminho para aqueles garotos sem rumo que estavam se tornando homens sem rumo. Mas como exatamente a Irmandade conseguia essa proeza?

A mensagem geral de Boqol Sawm era que esta vida é temporária. Se você vivesse sem seguir os preceitos do Profeta, queimaria no inferno pelo tempo de duração da sua vida real, a vida após o túmulo. Mas, se vivesse virtuosamente, Alá o recompensaria no paraíso. E os homens que se tornassem guerreiros de Alá receberiam bênçãos especiais.

Essa não era a prática da minha mãe, muito menos a do meu pai. Agora já não éramos pessoas postas na Terra para ser testadas, temerosas do julgamento, suplicando a Deus para que fosse paciente conosco. Tínhamos uma tarefa e um objetivo: estávamos unidos por um exército; éramos soldados de Deus, cumprindo seu desígnio. Juntos, cada um a seu modo, a irmã Aziza e Boqol Sawm formavam a vanguarda de um islã belicoso — uma versão que enfatizava a ideologia política dos anos de Maomé em Medina

(Boqol, aliás, fora treinado em Medina). E eu me tornei uma adepta fervorosa.

Assim, quando o aiatolá Khomeini, do Irã, exigiu que Salman Rushdie fosse morto depois de publicar *Os versos satânicos*, não indaguei se isso era certo ou o que tinha a ver comigo, uma expatriada somali no Quênia. Simplesmente concordei. Todos na minha comunidade achavam que Rushdie tinha de morrer; afinal de contas, insultara o Profeta. Meus amigos, meus professores religiosos, o Alcorão, todos diziam isso, e eu também dizia e acreditava. Não questioneei a justiça da *fatwa* contra Rushdie. Achava totalmente moral que Khomeini defendesse que aquele apóstata que havia insultado o Profeta fosse punido, e a punição apropriada para esse crime era a morte.

O islã da minha infância, embora bem abrangente, não tinha sido abertamente político. Mas durante os anos da minha adolescência a fidelidade ao islã passou a ser algo muito além da observância dos rituais diários. A escritura islâmica, interpretada literalmente, era apresentada como a resposta a todos os problemas, políticos, seculares e espirituais, e todos os meus amigos, além da minha família, começaram a aceitar isso. Nas mesquitas, nas ruas e dentro de casa vi os líderes estabelecidos, que salientavam a importância da observância ritual, da oração, do jejum e da peregrinação — as pessoas que chamo de muçulmanos de Meca —, serem substituídos por uma nova estirpe de imames carismáticos e incendiários, inspirados na temporada de Maomé em Medina, que exortavam à ação, e até à violência, contra os oponentes do islã: os judeus, os “infieis” e mesmo os muçulmanos que negligenciavam seus deveres ou violavam as rigorosas regras da sharia. Testemunhei, pois, a ascensão de uma ideologia política embrulhada em religião.

Os muçulmanos de Medina não são espiritualizados nem religiosos no sentido ocidental. Eles veem a fé islâmica como

transnacional e universal. Prescrevem um conjunto de práticas sociais, econômicas e legais que são muito diferentes dos ensinamentos sociais e morais mais genéricos (como a exortação à prática da caridade ou o empenho pela justiça) que vemos não só no islamismo mas também no cristianismo, judaísmo e em outras religiões do mundo.

Até isso não seria tão ruim se os muçulmanos de Medina estivessem dispostos a tolerar outras visões de mundo. Só que não toleram. Sua ideia é de um mundo a serviço de Alá e governado pela sharia, como exemplificado na *sunnah* (a vida, as palavras e as ações do Profeta). Outras fés, e mesmo outras interpretações do islamismo, não são válidas.